

17-08-2020

O SOL

Rosângela Gaze

[Médica sanitarista. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

"Caminhando contra o vento" é o primeiro verso da canção "Alegria, Alegria" (Caetano Veloso, 21/10/1967) que embalou sonhos adolescentes cariocas dos finais de 1960.

Cantávamos "sem lenço, sem documento" imaginando desobediências (a regras, horários, uniformes...) e cultivando irreverências... apesar da ditadura que já mostrava suas garras. Os Festivais da Canção (1965-1969) mobilizavam toda a gente, torcíamos pelas canções, compositores, intérpretes, aprendia-se a cantar e tocar as preferidas... Transmitidos ao vivo pela televisão penetravam as casas da burguesia. Lançou compositores de diversos gêneros na música brasileira e Caetano Veloso integrou, ao lado de Gilberto Gil, Gal Costa, Torquato Neto e outros, o movimento tropicalista engajado. Alegria, Alegria (não) venceu o IV Festival tomando nossos corações no desejo de liberdade, em contraponto à dura realidade de viver amordaçado pelo medo dos porões dos anos de chumbo. Confinamento compulsório e real, sem prazo de relaxamento, cuja máscara era tecida pela tortura e assassinato. Falar a verdade era o ofício de "O Sol nas bancas de revista", jornal alternativo, divertido e engajado tornou-se "porta-voz da esquerda contra o regime que se tornava mais e mais autoritário e repressor" (veja). Henfil e Nelson Rodrigues e Daniel Azulay figuravam em suas páginas de vida curta (6 meses), até 05/01/1969 (quase um mês após o AI5 em 13/12/68). O Sol foi criado como encarte do Jornal dos Sports por Reynaldo Jardim e Dedé Gadelha, então namorada de Caetano, era redatora. Polêmicas em torno da inspiração de Caetano – a letra homenageava o jornal ou sua namorada? – reforçam o papel da metáfora como cantadora de verdades revolucionárias. O editor Reynaldo Jardim, também poeta, inovou na diagramação de O Sol em quatro páginas para facilitar a leitura em ônibus. Em suas páginas observava-se a variedade de assuntos, a equipe de colunistas e os destaques. Impossível não acentuar a notícia sobre a demissão e prisão de servidores do Serviço de Proteção aos Índios! (21/10/1967)



A imprensa alternativa desempenhou papel de resistência contra a ditadura implantada – pelo golpe militar – no Brasil em 1º de abril de 1964. Millôr Fernandes editou a revista PiPaf um mês após o início das trevas cuja manchete da primeira edição dizia a que vinha: “Mas afinal, o que é a liberdade?” O questionamento disparou um sem número de publicações de resistência - "produzidas à margem dos aparatos institucionais de comunicação" (veja) - em que centenas de ativistas, intelectuais, jornalistas, cartunistas tomaram a palavra como arma valiosa de combate à repressão, ao autoritarismo, às desigualdades sociais... à HIPOCRISIA! Encararam a censura e a perseguição ideológica e se impuseram pela inovação nos temas, na linguagem e na forma de expressão de debates públicos. O passeio pelo site do projeto "Resistir é preciso" do Instituto Vladimir Herzog é uma viagem à alma brasileira que brinca para falar verdades duras, aos que dão voz aos que não podem falar, aos que escolhem o caminho árduo da resistência, do alternativo, às vezes clandestino, e até mesmo no exílio, sem permitir que lhes cassem a palavra... Aí está o Brasil que amo! "Eu sou um devoto dos pequenos meios de comunicação. Eu acredito nesses meios como um poderoso elemento formativo do povo. O povo não tem acesso aos grandes jornais [...], a classe trabalhadora, o povo da periferia... (Dom Angélico Bernardino, Resistir é preciso, 5'59")."

"Dizer a verdade é revolucionário" era o lema do jornal italiano *L'Ordine Nuovo* (1919-20) nas mãos da editoria de Antonio Gramsci (1891-1937). Como jornalista, o filósofo marxista 'formou' uma classe trabalhadora consciente de seu compromisso político na superação da prática corporativa e da ótica economicista. Questionando a mídia hegemônica, defendia a atuação das "comissões de fábricas" para a democracia trabalhadora, de modo a limitar o poder do capital. Tetê Moraes, para rodar cenas de seu documentário "O Sol - caminhando contra o vento" (2006), reuniu em 2004 pessoas da caminhada que mantiveram o brilho do Sol naquele obscurantismo. Nas mãos de Caetano, a inovação do editor; no semblante, a recordação... No sorriso de Daniel Azulay, a alegria de "seguir vivendo" em nossos corações.



Fonte

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum InterSindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.